

Josimare Francisco dos Santos(UESC)

RESUMO: Estudo das representações de leitora e de práticas de leitura feminina presentes no romance machadiano *Helena*. Tais representações podem ser encaradas como estratégias para a formação do gosto pela leitura literária entre as mulheres burguesas do século XIX brasileiro. Pretendo discorrer o estudo através da análise comparativa das cenas de leitura das personagens Helena e D. Úrsula, protagonistas da obra em tela, as quais parecem ter viabilizado um processo sutil de identificação/educação da leitora e a construção de marcas do feminino. A pesquisa fundamentar-se-á nas reflexões de Marisa Lajolo (2004), Michel de Certeau (1990), Regina Zilberman (1989), Wolfgang Iser (1996), entre outros.

Palavras-chave: Romance machadiano; Leitora; Cenas de leitura.

ABSTRACT: Study of the practical representations of reader and of feminine reading gifts in the machadiano's novel *Helena*. Such representations can be faced as strategies for the formation of the taste for the literary reading enter the bourgeois women of century XIX Brazilian. I intend to discourse the study through the comparative analysis of the scenes of reading of the personages Helena and D. Úrsula, protagonists of the workmanship in screen, which seem to have made possible a subtle process of identification/education of the reader and the construction of marks of the feminine one. The research will be based on the reflections of Marisa Lajolo (2004), Michel de Certeau (1990), Regina Zilberman (1989), Wolfgang Iser (1996), among others.

Key-words: Machadiano's novel; Reader; Scenes of reading.

Um *leitor perspicaz*, como eu suponho que há de ser o leitor deste livro, dispensa que eu lhe conte os muitos planos que ele teceu, diversos e contraditórios, como é de razão em análogas situações. (*Machado de Assis, A mão e a luva.*)

Introdução

O leitor se configura um grande problema para os escritores do dezenove brasileiro, tanto pelo analfabetismo, quanto para o pouco ou nenhum acesso ao

impresso. Ao longo dos séculos XVII e XVIII, a Igreja Católica incentivava as mulheres a terem hábitos de leitura, mas não permitia que estas escrevessem, pois a escrita era considerada uma forma de liberdade de expressão inadequada. Além disso, ler e escrever sempre foram associados ao poder e utilizados como forma de dominação. Diante disso, era preciso habituar a sociedade burguesa do século XIX ao consumo do impresso e envolvê-los, de modo a possibilitar a circulação do impresso, incorporando-o ao cotidiano de um público leitor, que rapidamente seria dividido em masculino e feminino.

De acordo com Lajolo e Zilberman (1996):

Disso resultaram duas noções: de um lado, a noção de público, massa coletiva e anônima que, não obstante o anonimato, pode ter vontade própria e direção definida, incidindo em linhas de ação que a literatura, em parte ou no todo, acata ou não; de outro, a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura (LAJOLO e ZILBERMAN, 1996, p.9).

É interessante perceber que a figura do leitor é uma concepção burguesa. Este nasce com a sociedade moderna, determinada pelas práticas sociais da época, relacionada às influências das revoluções, da escrita, do progresso: “Dali foram os dois para o quarto, que era uma vasta sala, com três camas, cadeiras de todos os feitios, duas *estantes com livros* e uma secretária, - vindo a ser ao mesmo tempo, alcova e gabinete de estudo” (ASSIS, 1973, p. 7, grifo meu). Desse modo, possuir muitos livros esta sinal de *status* social e *intelectual*. Além disso, era preciso ser *aristocrata*, burguês e culto para ser o leitor considerado ideal.

Leitorado oitocentista

O presente artigo trata da formação do leitorado oitocentista e os dispositivos utilizados pelos escritores para seduzir e *educar* o leitor. Além dos famosos piparotes e alfinetadas no leitor, a epígrafe mostra a complexidade da composição literária, pois esse mesmo leitor é visto como um *problema* para os escritores do oitocentos brasileiro, pois estes tinham pouca ou nenhuma intimidade com a cultura mediada pela escrita. De acordo com Michel de Certeau (1990), “Escrever é produzir o texto; ler é recebê-lo de

outrem sem marcar aí o seu lugar, sem refazê-lo” (p. 264). Era necessário que os escritores traçassem, em suas obras, os padrões que garantiriam o gosto pela leitura e a boa aceitação dos textos literários da época.

Segundo Patrícia Pina e Vânia Torga (2008):

No século XIX, em particular no oitocentos brasileiro, em função de séculos de trânsitos culturais marcados pela oralidade, uma vez que a Metrópole controlou e cerceou a produção e a circulação do impresso por aqui, impedindo-nos de ter a escrita como mediadora de nossas relações sociais e culturais, construiu-se uma descontinuidade de horizontes entre escritores e leitores, até porque, vale repetir, esses últimos primaram pela raridade (PINA & TORGA, 2008, p. 91).

Para isso, os escritores se apropriavam de cenas do cotidiano e desenvolveram vários dispositivos para orientar o processo de leitura. Retomando a epígrafe, percebemos um dispositivo muito utilizado nos textos literários que são os chamados ao leitor, muito comuns nas obras machadianas. Havia ainda as informações implícitas contidas no texto, como por exemplo, a descrição de ambiente, indicações sobre o gosto do leitor e as representações de cenas de leitura de determinados personagens.

Em *A mão e a luva*, o narrador descreve a personagem Guiomar sendo uma jovem casadoira que passava a maior parte do tempo lendo romances de histórias bem sucedidas entre mocinhas e heróis. Já Estevão era um jovem que escrevia poemas com base nos escritos do lorde Byron, do lorde Macaulay, de Goethe e de Shakespeare. Desse modo, percebemos que o perfil de leitorado do oitocentos brasileiro era pré-determinado, suas leituras também eram específicas.

No romance em tela, Guiomar se introjeta na narrativa a ponto de fugir de sua realidade: “Abriu novamente o livro, e continuou a leitura do ponto em que a deixara tão só consigo, *tão embebida no livro* que tinha diante, que não a despertou o rumor, aliás sumido, dos passos de Estêvão nas folhas secas do chão.” (ASSIS, 1973, p. 13, grifo meu). A personagem estava *embebida* na leitura. Esse processo, de acordo com Wolfgang Iser (1996), “a relação entre texto e leitor se atualiza porque o leitor insere no processo da leitura as informações sobre os efeitos nele provocados; em consequência, essa relação se desenvolve como um processo constante de realizações” (p. 127). Essa interação entre texto e leitor é o que faz com que o texto seja bem aceito.

Segundo Lyons (2002):

Romances eram tidos como adequados para as mulheres por serem elas vistas como criaturas em que prevalecia a imaginação, com capacidade intelectual limitada, frívolas e emotivas (...) era a antítese da literatura prática e instrutiva, próprias para os homens (LYONS, 2002, p. 172, acréscimo meu).

Assim, o que vai diferenciar as leituras femininas das masculinas são os conteúdos direcionados e específicos a cada um. Já que escrever para mulheres tinha basicamente duas intenções: lazer e educação, finalidades que afastam os textos dos pré-requisitos da boa qualidade, pois, “para leitoras, escreve-se não muito a sério ou não muito aplicadamente porque se sabe não correr o risco do julgamento mais exigente – o julgamento que só seria capaz o público masculino” (WERNECK, 1985, p. 11).

Dessa forma, a personagem Estevão, que era advogado, lia constantemente jornais e livros que abordavam conteúdos sobre retórica e ciências exatas, que o auxiliava nos estudos. Essas leituras o capacitariam para o exercício de suas funções. Ainda assim, ele era considerado um leitor fraco, pois gostava de passear pelas páginas de vários livros ao mesmo tempo. Era um dos muitos leitores *borboleteantes* encontrados nas narrativas machadianas. Sua leitura não era intensiva, o que significava não tirar proveito das leituras:

O rapaz acertara de abrir uma página de *Werther*; leu meia dúzia de linhas, e o *acesso* voltou mais forte que nunca. (...) Suas preferências intelectuais dividiam-se, ou antes abrangiam a Política e a Literatura, e ainda assim, a Política só lhe acenava com o que podia haver literário nela. Tinha leitura de uma e outra coisa, mas leitura veloz e à flor das páginas. Estêvão não compreenderia nunca este axioma de lord Macaulay - que mais aproveita digerir uma lauda que devorar um volume. Não digeriria nada; e daí vinha o seu nenhum apego às ciências que estudara. (ASSIS, 1973, p. 5; 8, grifos meus)

O livro que Estevão lia era *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe¹. A narrativa traz o dilema do jovem Werther e sua paixão por Charlotte, noiva de Alberto. Werther, se culpa pelo amor que sente pela jovem, muda-se para outra região, mas não consegue esquecê-la. Charlotte casa-se com Alberto, mas passa a ter ciúmes de Werther, que continua nutrindo um amor platônico pela moça. Num último encontro, Charlotte

¹ O romantismo foi comparado por Goethe como sendo uma doença que se alastrou desde o último quartel do século XVIII até meados do século XIX, estimulando o desespero dos sem causa, apenas amparados pelas suas emoções e sentimentos mais viscerais.

beija o jovem Werther e logo depois o repele. Assim, o jovem parte acreditando que é amado, mas que esse amor é impossível. Para dar um fim nessa situação, Werther resolve cometer suicídio, disparando um tiro em sua própria cabeça.

A partir desse final trágico, percebemos que o *Romantismo*² é visto como uma doença que causava desespero nos apaixonados. De acordo com o fragmento acima, o *acesso* ou *convulsão* causada por tal sentimento deixava Estevão a mercê de suas emoções, causando-lhe dor e sofrimento. Desse modo, ele foge aos padrões da leitura masculina – é uma leitura feminina *duplamente marginal*³ – não há nesse feito uma preocupação em assimilar o que era lido, tampouco essa leitura era corriqueira do leitorado masculino. Em sua vida permeava a emoção, não a razão:

- Pois quanto a mim, - disse Luís Alves ouvindo pela terceira vez, esquecia-me disso e ia curar-me em cima dos compêndios; *Direito Romano* e *Filosofia*, não conheço remédio melhor para tais achaques.

Estevão não ouvia as palavras do amigo; estava então assentado na cama, com os cotovelos fincados nas pernas, e a cabeça metida nas mãos, parecendo que chorava. (Op. cit., p. 4)

Ao homem era exigido *ser racional*⁴. Gostar de literatura e *apegar-se* a mesma, para o público masculino, constituía-se num grave defeito. A fragilidade de Estevão não condizia com os costumes sociais; ao homem não se era permitido demonstrações de sentimentos. Retomando o fragmento, a leitura intensa sobre assuntos como *Direito Romano*⁵ e *Filosofia* o afastariam das desilusões amorosas, resgatando-o à razão.

Estevão tem um comportamento tipicamente feminino: o predomínio das emoções e as demonstrações de sentimentos, submissão e desabafo através do choro. Desse modo, ambas as personagens são leitores à margem. São leituras superficiais e sem importância e que os remetem a uma fuga de suas realidades.

² De acordo com o *Dicionário Aurélio* (1999, p. 762), o Romantismo “foi um movimento em que os escritores abandonaram as regras de composição e estilo dos autores clássicos, pelo individualismo, pelo lirismo e pelo predomínio da sensibilidade e da imaginação sobre a razão.”

³ A leitura à margem era considerada ideal para as mulheres, pois isso significava manter a moral e a manutenção da sociedade.

⁴ Era esperado que o homem fosse capaz de escolher as leituras femininas. Isso significava que ele estava apto a tomar decisões e cuidar de sua família, como patriarca provedor.

⁵ “Direito Romano é uma área conhecimento que estuda as normas jurídicas vigentes num país. Essas normas ou leis foram, inicialmente, criadas em Roma entre o séc. VIII a.C. e o séc. VI d.C.” (Op. cit., p. 303).

Iser (1979) mostra, através de suas investigações sobre os mecanismos textuais, que no ato da leitura, há uma interação da obra com o leitor, o que torna possível um *diálogo* entre ambos. Para ele, o texto ficcional carrega lacunas que permite que o leitor interaja com o texto.

[...] a relação entre texto e leitor só pode ter êxito mediante a mudança do leitor. Assim o texto constantemente provoca uma multiplicidade de representações do leitor, através da qual a assimetria começa a dar lugar ao campo comum de uma situação. Mas a complexidade da estrutura do texto dificulta a ocupação completa desta situação pelas representações do leitor. O aumento da dificuldade significa que as representações devem ser abandonadas. Nesta correção, que o texto impõe, da representação mobilizada, forma-se o horizonte de referência da situação. Esta ganha contornos, que permitem ao próprio leitor corrigir suas projeções. Só assim ele se torna capaz de experimentar algo que não se encontrava sem eu horizonte (ISER, 1979, p. 88-89).

Desse modo, essas lacunas, ou vazios existentes no texto serão preenchidos pelo leitor no momento da leitura, quebrando o fluxo textual, provocando o imaginário do leitor. Através desses vazios, imagens e vários outros dispositivos, os leitores empíricos se *identificam* com determinadas personagens e, desse modo, seriam conduzidos

a perceber modos adequados e proveitosos de ler (bem como seu contrário), “aprendendo” as melhores e as piores leituras, até por acompanhar os efeitos e as conseqüências dos livros lidos pelas personagens” (PINA & TORGA, 2008, p.85).

Assim, o leitor (a) passa a ver o que o narrador não vê. Através de sua interação com o texto no ato da leitura, o leitor prevê, supõe, questiona, reformula e responde seus próprios questionamentos, interagindo com o texto.

Como nos diz Jauss (1994): “a experiência da leitura logra libertá-lo das opressões [o leitor] dos dilemas e de sua práxis de vida, na medida em que o obriga a uma nova percepção das coisas” (p.52). De acordo com o autor, a partir das construções de sentido, ao ler o texto, o (a) leitor (a) é capaz de organizar e estabelecer pontos de vista trazendo o texto para sua realidade, compreendendo sua relação com a sociedade e produzindo sentidos.

De acordo com Antônio Cândido (2002), a narrativa ficcional em prosa era a “maneira mais acessível e atual de apresentar a realidade, oferecendo ao leitor maior dose de verossimilhança e, com isso, aproximando o texto da sua experiência pessoal” (p. 40). Por isso, eram muito comuns as práticas de leitura e representações de cenas do cotidiano. Estas envolviam a leitora no momento da leitura a ponto de algumas delas reproduzirem alguns traços descritos em seu cotidiano. Isso proporcionava, não só a criação de hábitos de leitura, mas promovia também a circulação do impresso.

Era comum as personagens aparecem sempre lendo os jornais da época, livros de exatas, revistas, romances. Isso é mais um indício da preocupação em *educar* o leitor para que estes pudessem receber *bem* as obras literárias, possibilitando sua circulação: “a sombra da moça vivia ao pé dele e dentro dele, no livro em que lia na rua solitária onde acaso transitava, nos sonhos da noite, nas estrelas do céu, nas poucas flores de seu inculto jardim” (ASSIS, 1973, p. 53).

Essas representações de cenas de leitura eram distintas para homens e mulheres. As diferenças estavam atreladas às imposições sociais da época: mulheres eram educadas para serem boas donas de casa, enquanto os homens deveriam cumprir o papel de provedor e protetor da família. Tais representações reproduziam os modos de ler da sociedade oitocentista brasileira.

O conceito de leitor implícito de Iser (1996) mostra que o texto produz transformações em seus (suas) leitores (as). Ainda que estes sejam orientados previamente em suas leituras, eles jamais serão passivos, pois terão a oportunidade de interpretar, refazer suposições, idéias e sentidos, deduzindo e prevendo de forma complexa e coerente, retificando ou ratificando idéias, questionando, problematizando ou construindo sentidos e dando significados à sua leitura, imprimindo suas marcas.

Conclusão

O ato de ler tem uma repercussão que excede os limites do texto e desencadeia um processo de transformação na subjetividade do leitor. Entendemos que o efeito da leitura não deixa o leitor passivo, pois a proximidade entre texto e leitor é concebida através dos mecanismos que interagem no ato da leitura. Esses mecanismos são provenientes da sintaxe textual, dos conhecimentos prévios e das personagens distribuídas na obra.

Ao ler um ou mais romances, os leitores se apropriam das cenas dos textos lidos. O leitor reage aos estímulos produzidos pelo ato da leitura e assume o papel de reconstrutor da ficção, preenchendo as lacunas existentes no texto.

Quando os escritores utilizam essas personagens, com as quais geralmente nos identificamos, este nos dá a possibilidade de percebermos como o texto descreve aspectos da sociedade onde o leitor é capaz de interpretar, refletir e perceber a relação entre seu mundo e o mundo do texto. Esses fatores permitem que o mesmo corrija suas projeções e dê novos rumos à sua leitura.

Apesar do leitor idealizado pelos intelectuais do dezenove brasileiro seria aquele que lia e refletia no que era lido, esses leitores *borboleteantes* foram de grande importância para a circulação do impresso numa sociedade de *leitores/receptores*. Tais leitores seriam disseminadores de hábitos de leitura, ainda que fosse de modo assimétrico.

REFERÊNCIAS

- Assis, J. M. M. **A mão e a luva**. São Paulo: Ática. 1970.
- Cândido, A. **O romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002, p.40.
- De Certeau, M. “Uma operação de caça”. In.: _____. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 2ed. Petrópolis: Vozes, 1990.
- Iser, W. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. São Paulo: Ed.34, 1996.
- _____. “A Interação do Texto com o Leitor”. In.: Lima, L. C. (org.). **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- Jauss, H. R. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994, p. 52.
- Lajolo, M. & Zilberman, R. “A leitora no banco dos réus”. In.: _____. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 2003, p. 235-306.
- Lyons, M. “Os novos leitores no século XIX: Mulheres, crianças, operários”. In.: Cavallo, G. & Chartier, R. (org). **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 2000.
- Pina, P. K. C. **Literatura e jornalismo no oitocentos brasileiro**. Ilhéus: EDITUS, 2002.

Pina, P. K. C. & Torga, V. L. M. “Helena: representações de práticas de leitura e configurações do leitorado oitocentista brasileiro no romance machadiano”. In.: **Terra roxa e outras terras** – Revista de Estudos Literários Vol. 13 (Out. 2008), p. 83-98. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa>> Acesso em 12/09/2009.

Werneck, M. H. **Mestra entre agulhas e amores**: a leitora do século XIX na literatura de Machado e Alencar. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Letras, Rio de Janeiro: PUC, 1985. Mimeo [Dissertação de Mestrado em Letras].